

Manuel Cargaleiro

O mestre aprendiz

Quase a completar 80 anos, a viver em Paris há meio século, é um dos mais conhecidos e bem sucedidos artistas portugueses. O seu nome é uma assinatura identificável na pintura e na cerâmica e tem um museu em Vietri sul Mare, Itália, onde foi quase adoptado como filho da terra. Em Portugal, sente-se menos amado e algo marginalizado em certos meios culturais, não obstante as suas obras terem alta cotação no mercado e ter aberto, recentemente, um outro museu, em Castelo Branco, com parte da sua colecção de cerâmica. Actualmente, apresenta um conjunto de 86 obras, na Galeria Albert Loeb, em Paris: uma das suas maiores exposições de cerâmica, atestando a vitalidade de um artista que nunca deixou de aprender e sempre quis fazer chegar a sua arte a toda a gente

Manuel Cargaleiro em Vietri sul Mare

FOTO DE ENZO BIRRI GENTILE

■ MARIA LEONOR NUNES

Advertência saiu, um dia, da boca de um amigo. Perguntou-lhe se achava que ele ficava contente ao ver que a porteira tinha uma pintura de Cargaleiro igual à sua. O pintor, por certo, riu, num encolher de ombros. «Mas é isso mesmo que pretendo», respondeu-lhe. «Desde muito novo que tenho uma grande ânsia de liberdade e de democratização e acho que o mundo seria melhor se todos vivéssemos com esse sentimento», justifica:

Tem *fairplay*. Pouco lhe importa que chamem «cargaleiros», com um quê depreciativo, aos seus quadros, ou que digam que a sua pintura é decorativa. Não por soberba, mas por uma espécie de bonomia. «Ser decorativa é uma das funções da pintura», afirma. «Quero que as pessoas ponham os meus quadros nas suas casas e descansem a olhar para eles. Não quero que sejam agressivos, mas que transmitam tranquilidade». A pretensão de Manuel Cargaleiro, 79 anos e meio século de arte, sempre foi chegar ao maior número possível de pessoas. Ficou-lhe caro, porém, esse pecado democrático. Porventura não lhe perdouram o intuito anti-elitista. E não faltou quem achasse excessiva e banalizadora a forma como produzia a sua obra. «Acusam-me de ter feito muitas gravuras, mas nem cheguei às 200. O Tâpies, por exemplo, fez milhares», argumenta.

O melhor argumento talvez seja o seu nome, o lugar que cativou no panorama artístico em Portugal, França e Itália, os três países que circuncravam a sua geografia fundamental, ou o número de exposições e de obras vendidas para

vários países, ao longo de uma carreira marcada pelo êxito. «O que sempre procurei fazer na vida foi levar a cultura portuguesa para fora e fazê-la de outra maneira. Se tive sorte em França foi por isso». Mais, acrescenta, rindo: «Podem criticar e dizer o que quiserem da minha obra que não me aborrecem. A minha pintura é de verdade, precisamente porque está ligada ao que há de mais autêntico na arte portuguesa».

■ Pintar a esperança

A sua abundante obra reparte-se pela cerâmica e pela pintura e a questão que por vezes se põe é se se trata de um pintor que faz cerâmica ou de um ceramista que faz pintura. Cargaleiro há muito que achou a resposta. «Sou pintor quando estou a fazer cerâmica e ceramista quando pinto», disse numa entrevista. O mesmo é dizer que as duas coisas estão ligadas indissociavelmente: «Tento apenas fazer o que sinto quando estou a trabalhar. Procuro resolver esteticamente o problema de um quadro ou de uma cerâmica», explica. «E se não gosto, se não fica bem, pinto tudo de branco e começo de novo». Não são raras as vezes em que tal acontece. Gosta de preparar metulosamente o fundo das telas, onde depois inscreve o mimíscio desenho, a cor, a luz. Pode trabalhar num quadro durante mais de uma semana, depois deixa-o numa espécie de posio e se, ao cabo de um mês, não o contenta, volta a cobrir tudo de tinta, como quem «barulha e torna a dar».

Diante da tela, é essencialmente o seu «lado operário» que se revela, num *métier* de paciência: «Não sou daqueles que chegam, fazem um gesto e pronto. Gosto de burilar muito as coisas». Trabalha, de resto, todos os dias, sem feriados ou fins-de-semana: «Um dia em que não pinto é infeliz». O que o faz trabalhar é um «desejo forte de transmi-

tir qualquer coisa». Não é fácil definir com precisão essa «força motora». Só agora, à beira dos 80 anos, o sabe: é uma «mensagem positiva, de esperança e de optimismo». Isto «ao contrário do que está na moda», do que se passa nos meios artísticos internacionais, como adianta: «Num mundo de tanta destruição, incompreensão e injustiça, há uma tendência para o artista absorver o que se passa à sua volta e transmiti-lo na sua obra. Em muitas épocas da minha vida, eu também senti que não gostava do que se passava à minha volta, mas criei um mundo, onde me refugiava e escondia a minha pintura».

Muitos chamam-lhe mestre, mas escusa a reverência. Prefere, antes, ser um eterno aprendiz. «Na cerâmica, como na pintura, aprendemos até ao fim», afirma. «Quando, amanhã, for pintar, vou aprender coisas que ainda não sei hoje».

■ Um certo desamor

Vive em Paris, sempre na *rive gauche*, há 50 anos — é aí que prefere pintar — e sente-se lá como em «casa, rodeado de amigos, de uma grande família». Daí que em nenhum momento tenha ponderado voltar a Lisboa, ainda que tivesse partido, em 1957, com a convicção de que não seria por muito tempo. «Sinto em Paris uma grande protecção, um ambiente que todo o artista deseja e que incentiva a trabalhar», diz. Em Portugal, nem tanto. E não será apenas porque longe da vista... Sente uma «força incentivadora» por parte dos colecionadores e do público em geral, mas estranha a indiferença de «certos meios e da crítica», acentuada sobretudo depois dos anos 80.

Cargaleiro recorda que quando iniciou o seu percurso, frequentava a Brasileira do Chiado, onde se encontrava com Jorge Barradas, Bernardo Marques, Carlos Botelho, Almada Negreiros,

um grupo de artistas que o «ajudava a estudar e a trabalhar». Um «céu aberto» a que deu lugar um horizonte fechado. Hoje, afirma que existem muitas «capelinhas que se digladiam» e ele não quer pertencer a nenhuma. «Um dia, o pintor Serge Poliakov contou-me que não era capaz de viver em casa com as pinturas de outro pintor», confessa. «Eu gosto da pintura dos outros pintores e sempre a tive em minha casa, nos meus ateliers. Não sinto essa aceitação da parte de outros artistas cá em Portugal».

É com mágoa que diz não ter saído uma linha nos jornais portugueses sobre a exposição de cerâmica — mais de 80 peças — actualmente patente ao público na Galeria Albert Loeb, uma das mais importantes de Paris, quando até na imprensa italiana teve repercussão. «Será que é porque tenho sucesso?», interroga-se. Vende, aliás, mais em França — o ex-primeiro-ministro Lionel Jospin comprou uma das obras da presente exposição — do que no nosso país.

Apesar de tudo, nunca quis ter nacionalidade francesa, tendo recusado alguns convites nesse sentido. Sabe, no entanto, que para fazer a sua obra tal como queria, tinha que estar no estrangeiro. «O artista ama a sua obra e quer ser amado», salienta. Mas Cargaleiro está certo de que, contrariamente aos críticos, o grande público português, que «vive e aprecia as artes plásticas», compreende a sua obra. Tal como o francês.

■ Museus próprios

Não é, contudo, de ressentimentos ou queixumes. Nem terá propriamente razões de queixa. É um artista consagrado com uma obra reconhecível e reconhecida, tem uma invejável projecção internacional. Prova disso é o Museu Artístico Industrial Manuel Cargaleiro, criado no ano passado, em



Com Siza Vieira; com David Mourão-Ferreira; no Brasil, com Francisco Relógio, Fernando Namora, Dorita Castelo Branco, Jorge Amado e Chartera de Almeida; e com Vieira da Silva

Vietri sul Mare, Salerno, Itália. E não há outro artista português que tenha conseguido tal feito. O convite partiu do próprio Estado italiano, depois de Cargaleiro ter ganhado, em 1999, o Grande Prémio Internacional da Bienal de Cerâmica de Vietri sul Mare, uma zona de numerosas fábricas de cerâmica artística. «Fiquei contente, mas não vaidoso, por me fazerem esse museu», sublinha. «Querem que eu lá trabalhe e aprender com a minha técnica. Isso reflecte o amor dos artistas e dos operários dessas fábricas pela sua profissão». Para esse museu, Cargaleiro fez a doação de uma centena e meia de peças suas, além de um conjunto de obras dos maiores ceramistas da Europa. E não esconde uma ponta de orgulho por lá ser hasteada todos os dias a bandeira de Portugal, ao lado da europeia e da italiana.

Por cá, Manuel Cargaleiro também já tem um museu com o seu nome, em Castelo Branco, inaugurado recentemente, onde expõe uma parcela da sua coleção de cerâmica, que inclui peças do século XVI à actualidade. «Passei a minha vida a coleccionar, também para aprender», afirma. «Ainda hoje, vejo uma peça antiga e se tenho possibilidades, compro-a, para desvendar como se faz».

Ao longo da vida, juntou milhares de peças de cerâmica mas não quis guardar o conhecimento só para si. Foi com esse propósito que, em 1990, criou a Fundação Manuel Cargaleiro e projecta uma série de núcleos museológicos a acrescentar ao museu de Castelo Branco. Em vez de museus preferia, aliás, chamar-lhes centros de formação artística. Ou seja, ateliers, oficinas, onde se passasse o testemunho da sua arte. Planeia abri-los, nomeadamente, no Seixal e em Vila Velha de Ródão. Neste local, com uma vertente dedicada ao *patchwork*, uma tradição da Beira Baixa, rendendo homenagem, dessa forma, à sua mãe, que fazia as características mantas da região.

O barro da vida

Manuel Cargaleiro é o mais antigo operário da Fábrica Viúva Lamego, em Sintra, como diz por graça. Não é de admirar, já que há meio século que lá faz as suas peças de cerâmica. E no caso, a antiguidade é mesmo um posto, pois se se trata de uma arte de muitos segredos, para Cargaleiro é um livro aberto.

Andava ainda a afeiçoar os dedos ao lápis e o coração aos números e às letras, na escola primária, quando começou a meter a mão na massa e a modelar os primeiros bonecos. O bafo acre do barro saltou-lhe ao caminho, enchendo-lhe uma certa solidão da infância, passada na Caparica, onde os pais, agricultores, tinham uma quinta. Na vizinhança da escola, havia um oleiro que ficava a ver trabalhar no seu ofício e Manuel acabou por experimentar. Uma «brincadeira» que iria moldar a sua vida.

Nascido em Chão das Servas, em 1927, perto de Vila Velha de Ródão, na Beira Baixa, onde viveu até completar um ano, Manuel Cargaleiro tinha o signo da terra e os pais, Francisco, primeiro provedor da Misericórdia do Seixal e presidente do grémio da Lavoura de Almada, e Ermelinda, sonhavam para ele um futuro de agrónomo, na senda do que haviam cultivado.

O irmão, António, tornou-se veterinário, mas Manuel trocou a Agronomia e a Faculdade de Ciências pela Escola de Belas Artes de Lisboa. Para desagrado dos pais, que não auguravam prosperidade em tais inseguros terrenos. Receavam que o filho artista não colhesse muitos frutos dessa opção, nem sequer almejasse o pão para a boca.



Les Trois Lunes. Painel de azulejos, 1989

Viveram o tempo suficiente para se certificarem do seu logro. A mãe chegaria mesmo a dizer-lhe que não continuasse a trabalhar tanto, porque não precisava. Porém, o trabalho, mais exactamente o «prazer de trabalhar», é, como afirma o pintor, o único segredo do seu sucesso.

Os «santinhos» da sorte

Longe de pensar vir a ser um artista, o jovem Cargaleiro, que fez os seus estudos liceais no Passos Manuel, em Lisboa, continuou a modelar os seus «santinhos». Certo dia, foi assistir a uma conferência de Luís Reis Santos, no Museu Nacional de Arte Antiga, e resolveu mostrar-lhe os seus trabalhos. O então

director do Museu Machado de Castro viu nele uma promessa e apresentou-lhe Jorge Barradas, na Brasileira. Abria-se assim para Cargaleiro o mundo dos artistas da época. Barradas troçou dos seus bonecos, mas convidou-o para trabalhar no seu atelier.

Manuel Cargaleiro expôs pela primeira vez as suas obras em 1949, no I Salão de Cerâmica, organizado por António Ferro, no Secretariado Nacional de Informação (SNI). Uma das peças, *Ser poeta é ser assim*, de seu nome, acabaria feita em cacos, como recorda, por um gesto mal medido de uma empregada. Conhecia, já por essa altura, Sebastião da Gama, de quem foi muito amigo, a partir de um



Prato. Fiança policromada, 2005

dos seus poemas, criou outra das peças que apresentou, *Enrodilhei-me no vento*, então adquirida por Matilde Rosa Araújo. «No fundo, eram peças muito literárias», recorda.

A ligação aos poetas e à Literatura seria uma constante de todo o seu percurso. Manteve amizade com poetas portugueses e franceses e com alguns deles trabalhou em diversos livros que mais tarde publicou. Fez, por exemplo, uma série de serigrafias com o poema *Ladainha dos Póstmortos Natis*, de David Mourão-Ferreira, ilustrou livros de António Osório, Luís Miguel Nava ou Edouard Roditi. E Vergílio Ferreira escreveu o texto introdutório do seu catálogo de obra gravada, editado em 1978.

Nesse salão de 1949, Cargaleiro foi também «descoberto» por Ruben A.: «Ficámos amigos e éramos como irmãos». Através dele, Cargaleiro faria um grande painel para a casa de jantar de Sophia de Mello Breyner. A sorte estava lançada. Vendia as suas figuras de barro, na Livraria Guimarães, de Francisco da Cunha Lello, que tinha sido seu professor e dessa maneira o quis ajudar. E tinham tanta saída que, um dia, Vieira da Silva, com quem mantinha uma longa amizade, disse à sua mãe: «O seu filho tem muita sorte, porque no princípio ninguém comprava os meus guaches». As «santas» de Cargaleiro eram vendidas à razão de cem contos cada uma, ao tempo uma pequena fortuna.

A primeira exposição individual de cerâmica fê-la em 1952, também no SNI, e dois anos mais tarde voltou a expor na Galeria de Março, de José-Augusto França. E foi justamente no primeiro Salão de Arte Abstracta, organizado por José-Augusto França, naquela galeria, que Cargaleiro mostrou as primeiras pinturas, embora há muito que já experimentasse os «ríscos» em segredo. Aprentou dois óleos e quis o acaso que Vieira da Silva e Arpad Szenes, na altura de passagem em Lisboa, tivessem ido à exposição. Gostaram dos seus quadros e deixaram-lhe um bilhete, dizendo que queriam conhecê-lo e convidando-o para um almoço. Foi o início de uma longa amizade. «Há muita gente que me critica, porque acha que fui demasiado influenciado pela Vieira da Silva, mas é preciso ver que toda a sua obra é feita a partir da azulejaria portuguesa e eu comecei a pintar azulejos», comenta. «Portanto, é natural que existam laços».

A escola de Paris

Também houve um inspector do ensino técnico que visitou essa exposição e impressionado com o talento do jovem artista, decidiu indicar o seu nome ao ministro da Educação, Leite Pinto, para preencher uma vaga na Escola António Arroio, onde Cargaleiro deu aulas até não ser mais possível ensinar «como queria»: «Gostava de levar os meus alunos ao Chiado, à Feira da Ladra, quando não foi mais possível, desisti. Sempre fiz aquilo que quis».

Antes, tinha trabalhado na Caixa Geral de Depósitos (CGD), enquanto estudava nas Belas Artes. Faz questão de sublinhar que «vive do trabalho» desde os 21 anos. Como o pai não acarinhava a sua «veia artística», decidiu angariar o seu sustento. Respondeu a um anúncio de jornal. Na entrevista com o chefe da secretaria da CGD, perguntaram-lhe o que pretendia fazer. Cargaleiro foi sincero: «Quero cá estar o menos tempo possível. Porque venho para ganhar um dinheirinho para poder ir às aulas e pintar». E, sinal de outros tempos, viu satisfeito o seu desejo. Colocaram-no numa repartição pucata, onde tratava das reformas do

Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Nesses anos foi pela primeira vez a Londres e a Paris, onde havia de voltar para ficar. «Quis ir-me embora, também porque não gostava muito do ambiente político, havia uma certa tensão. A vida era duríssima», lembra. «A princípio, ia a Paris e ficava lá um tempinho, depois voltava, mas não pensava ficar lá para sempre». Só que o ambiente artístico parisiense e as condições para desenvolver o seu trabalho que lá encontrou acabaram por fixar-lhe a morada.

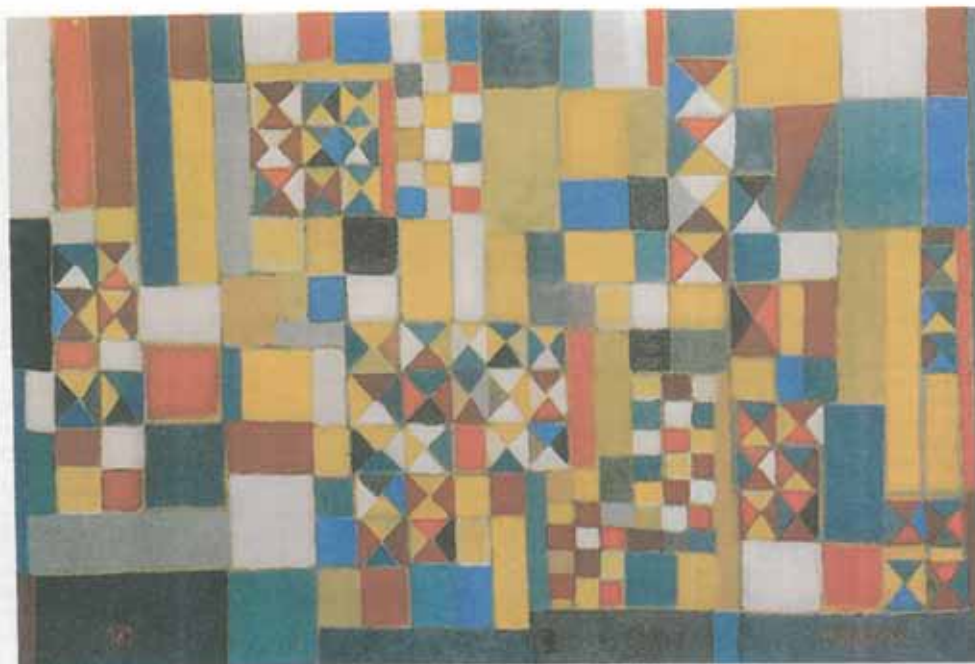
Apesar de alguns períodos mais difíceis – trabalhou, nomeadamente, numa fábrica – nunca se arrependeu da mudança. Manteve sempre o seu atelier na Caparica, mas houve alturas em que eram escassas as suas visitas a Portugal. Hoje em dia, são mais frequentes, até porque é no nosso país que mantém a sua coleção.

Em Paris, Cargaleiro aproveitou a efervescência artística e cultural, desenvolveu diferentes técnicas que aliou à matricial temática portuguesa e mediterrânica da sua obra, genericamente caracterizada por um abstraccionismo lírico. Cargaleiro fez parte, de resto, da chamada Escola de Paris e conviveu com grandes artistas da época. «Quando lá cheguei, Arpad Szenes perguntou-me quem queria conhecer e eu indiquei Bissière, era o mestre da Escola de Paris e foi professor de Manessier, Bazaine, Vieira da Silva», recorda. Fez também

amizade com Sonia e Robert Delaunay, Natalia Gontcharova e Michel Larionov ou Max Ernst, um «homem maravilhoso», com quem, em 1959, fez uma exposição na galeria Edouard Loeb. Da sua roda de amigos faziam parte também outros artistas portugueses então residentes em Paris, como René Bertolo, Lourdes de Castro ou José

Escada, que lá criaram o grupo K.W.Y. Cargaleiro lamenta que tenham voltado para Portugal, quando tinham «talento para triunfar».

À medida que foi aprendendo outras técnicas, outros mundos, a cerâmica de Cargaleiro foi também tomando outras formas, libertando-se da figura e da modelagem e ganhando uma



The Geometrical Composition of Summer. Óleo sobre tela. 1989

assinatura identificável. Em 1957, com uma bolsa do governo italiano, Cargaleiro foi estudar cerâmica em Faenza, a cidade que justamente deu nome à faiança. Cinco anos mais tarde, faria a sua primeira exposição individual, em Paris, na Galeria Valérie Schmidt. Ao correr do tempo, fez numerosas e regulares exposições de pintura e cerâmica em França e em Portugal. Realizou também importantes obras de intervenção no espaço público. É o caso de um grande painel de azulejos de 50 metros quadrados para Limoges, a capital da cerâmica francesa, da decoração da estação de metro dos Campos Elíseos, em Paris, ou do painel para o Museu Provincial da Cerâmica de Villa Guariglia de Vietri sul Mare, em Itália. Em Portugal, fez, nomeadamente, os painéis que decoram a estação do Metro do Colégio Militar. Uma obra com inspiração nos azulejos portugueses «ponta de diamante», do século XVII.

A história é uma das suas fontes, como a memória é matéria da criação. Cargaleiro gosta,

aliás, de trabalhar para o espaço público, uma oportunidade soberana para entrar na vida das pessoas. E o mestre aprendiz trabalha com o mesmo afinho e prazer numa pequena pintura do talhe de um selo, como num painel gigantesco. A sua ambição artística não tem mesura: levar a sua arte a toda a gente. ●